

## Vozes-Mulheres<sup>1</sup>: trajetórias de professoras-mães-cientistas

### RESUMO

A presente pesquisa trata sobre a temática de gênero no contexto das Ciências Exatas, em que as mulheres representam uma minoria. Após a análise dos Currículos Lattes e cargos de professoras de uma Universidade Federal, selecionamos e entrevistamos 18 docentes sobre suas trajetórias. Com base nos relatos, construímos discussões sobre o preconceito de gênero evidenciado, explícito ou não, de modo a compreender como o mesmo permeia as vivências das entrevistadas e quais suas percepções enquanto mulheres cientistas. Concluimos que, em sua maioria, as docentes não se davam conta do machismo que as cercava e diversas vezes relatavam situações de preconceito sem se aperceber do mesmo. Em grande parte das conversas, notamos nuances entre momentos nos quais as entrevistadas reconheciam ou negavam o machismo no ambiente de trabalho. Por fim, acreditamos que discussões como esta são importantes para repensarmos o fazer Ciência, com a intenção de tornar a cultura científica livre de preconceitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preconceito de gênero. Ciências Exatas. Trajetória. Mulheres docentes. Feminismo.

**Gabriela Ferreira**

E-mail: gabriela.f@ufpr.br  
Universidade Federal do Paraná,  
Curitiba, Paraná, Brasil

**Alicia Aparecida de Souza**

E-mail: alicia.souza@ufpr.br  
Universidade Federal do Paraná,  
Curitiba, Paraná, Brasil

**Camila Silveira**

E-mail: camila@quimica.ufpr.br  
Universidade Federal do Paraná,  
Curitiba, Paraná, Brasil

## INTRODUÇÃO

O machismo se manifesta na atribuição social de diferentes designações a cada um dos sexos biológicos, estabelecendo assim os gêneros de forma hierárquica em que o masculino é construído como superior ao feminino. Com relação à essa relação binária e preconceituosa, Betina Stefanello Lima (2013, p. 888) aponta:

Essa lógica categoriza e aloca cada sexo em um polo no qual um representa os atributos que o outro não possui. Também nessa construção, o polo masculino é o de valor positivado, aquele que retira seu valor do polo negativado, feminino.

A autora ainda ressalta que a Ciência é construída sob uma lógica masculina, na qual apenas as características atribuídas aos homens são valorizadas, como abstração, racionalidade, competitividade, entre outras (LIMA, 2013). Dessa maneira, atributos femininos, enquanto contrários aos masculinos, são sempre desprezados, o que resulta no fenômeno da sub-representação feminina no campo científico e, em especial, nas Ciências Exatas.

Dentro do campo das Ciências Exatas, as mulheres são minoria na maior parte das áreas e isso pode ser evidenciado, por exemplo, quando observamos a quantidade de laureadas com o Prêmio Nobel na Química e na Física. Nos mais de cem anos de premiação, apenas cinco e três mulheres foram premiadas nestas áreas, respectivamente. Como uma forma de compreender a ausência de mulheres no campo científico, Fabiane Ferreira Silva e Paula Regina Costa Ribeiro (2014, p. 452) afirmam:

Na lógica das oposições binárias, que estruturam o pensamento moderno, o homem é a referência e a mulher é apresentada como o “outro”, o oposto do homem. Na ciência, a mulher é esse “outro”, já que, desde o nascimento da ciência moderna, o sujeito do conhecimento tem sido o homem e, portanto, as características e habilidades necessárias e valorizadas para fazer ciência são as ditas masculinas.

Concordamos com as autoras na compreensão da Ciência enquanto construída sob uma perspectiva masculina, o que impõe barreiras às mulheres e determina para quais áreas elas (não) podem seguir. Sabendo que a Ciência não está isenta de discriminações, enfocaremos as relações de gênero inseridas na academia, uma vez que no cotidiano das instituições públicas de ensino existem relações de poder que reproduzem diferenças e estas, por sua vez, podem ser geradoras de preconceitos (SILVA; RIBEIRO, 2014).

Neste âmbito está a divisão sexual do trabalho, que consiste na distribuição desigual de atividades entre mulheres e homens, sejam essas de caráter produtivo ou reprodutivo, e “a legitimação desse processo passa pela construção de identidades sociais masculinas e femininas em consonância com o que se espera de cada um dos sexos no contexto em que se inserem” (SILVA; GITAHY, 2006, p. 26). Estando inseridas no contexto das Ciências Exatas, as mulheres se encontram em um ambiente que lhes é desfavorável antes mesmo de adentrarem às carreiras, pois culturalmente não pertencem a este espaço. Logo, podemos considerar que este não pertencimento reafirma, de certa forma, a divisão sexual do trabalho.

Ao passo que o fazer Ciência não é uma atividade considerada feminina, já o cuidado com a casa e os filhos é uma ocupação exclusivamente das mulheres, acarretando em dificuldades ainda maiores àquelas que optam também pela vida acadêmica. Esta distribuição desigual das tarefas domésticas produz impactos diferentes nas carreiras de cada um dos gêneros, visto que ao escolherem como se inserirão no mercado de trabalho, os fatores familiares e domésticos pouco interferem aos homens, ao mesmo tempo que para as mulheres, em seu papel de principal responsável pelo cuidado com a família, os mesmos fatores se tornam determinantes em suas escolhas profissionais. Isso pode ser compreendido no contexto das Ciências Exatas, que são carreiras que demandam muita dedicação e esforços, trazendo complicações à vida das mulheres que enfrentam múltiplas jornadas de trabalho dentro e fora de casa. Para Nanci Stancki Silva e Leda Maria Caira Gitahy, “a constante necessidade de articular atividades domésticas e profissionais limita a disponibilidade feminina para o trabalho” (SILVA; GITAHY, 2006, p. 27) e o mesmo vale para as carreiras científicas.

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (2004a) vai de acordo com esta colocação ao afirmar que as mulheres são educadas para a esfera privada e os homens para a esfera pública, ou seja, espera-se social e culturalmente que elas cuidem da casa e dos filhos enquanto eles conquistam o mundo.

Ademais, ressaltamos que o preconceito de gênero não se manifesta de forma semelhante em todas as esferas sociais e não age igualmente sobre todas as mulheres - aqui se inserem questões raciais e de classes, por exemplo, mas não exploraremos estes aspectos no presente trabalho. No contexto científico é mais comum a presença da face velada do machismo, como comentam Silva e Ribeiro (2014, p. 455):

Nessa perspectiva, entendemos que determinadas situações, muitas vezes banalizadas e naturalizadas, precisam ser alvo da nossa atenção. Precisamos problematizar as concepções essencialistas que naturalizam as mulheres em uma falta de condições cognitivas que as inferioriza. O preconceito de gênero, como produto social, cultural e histórico, que institui e determina constantemente uma imagem negativa e inferiorizada das mulheres, nem sempre se dá de forma explícita; muitas vezes, ele se dá de forma velada, sutil, e aí residem, justamente, sua força e eficácia.

Juntamente a isso, as autoras também enfatizam que algumas atitudes cotidianas socialmente aceitas promovem a manutenção de preconceitos sem que os sujeitos envolvidos se deem conta, pois a construção social do que é masculino e feminino é muito efetiva (SILVA; RIBEIRO, 2014). Ou seja, o machismo está fortemente presente e naturalizado na cultura científica, mas de forma mais sutil do que explícita, deixando que os pequenos sexismos diários passem despercebidos, o que implica em obstáculos às mulheres e determina seus caminhos por meio de diversos artifícios mantenedores de suas posições de inferioridade.

Várias são as possibilidades para a compreensão deste cenário, dentre elas, podemos elencar algumas que nos parecem mais relevantes para o presente artigo. As identidades de feminino e masculino são construídas desde a infância das pessoas, em que mulheres e homens recebem incentivos diferenciados ao longo de toda a vida, o que culmina em suas escolhas profissionais mais adiante.

Pensando-se na infância, os meninos são motivados a realizar brincadeiras de aventura, desafios e descobertas, com jogos que valorizam o raciocínio e a criatividade, enquanto às meninas são reservadas brincadeiras de boneca e “casinha”, remetendo em sua maioria aos cuidados com o lar e os filhos. Não é surpreendente que isto se reproduza na vida adulta, com homens buscando carreiras desafiadoras e mulheres muitas vezes permanecendo em profissões que também remetam à cuidado e zelo.

Outra questão diz respeito a se identificar com as áreas para almejar por elas, ou seja, a falta de referenciais. A presença feminina nas Exatas já é escassa e as mulheres que se encontram nestes espaços, por diversas vezes, são apagadas da História, o que enfatiza a ideia de que este campo não é feminino por aparentemente não haver mulheres presentes nele, fazendo com que outras mulheres não se vejam representadas e não desejem ocupá-lo.

O campo científico, por sua vez, se constitui como um ambiente hostil à presença feminina, onde mesmo as mulheres que optam pela carreira acadêmica se encontram em um espaço desfavorável em todos os sentidos. A Ciência atende uma lógica masculina e, dessa maneira, despreza os atributos tidos socialmente como femininos e também algumas necessidades exclusivamente femininas. Por exemplo, o primeiro edital de licença-maternidade foi surgir somente nos anos 2010 e, antes disso, as mulheres pós-graduandas que engravidassem precisavam arcar sozinhas com a situação, muitas vezes ficando por longos períodos sem a bolsa ou mesmo precisando desistir da Pós-Graduação.

Dessa maneira, o presente estudo aborda a trajetória de mulheres cientistas que atuam nas áreas das Ciências Exatas em uma Universidade Pública Federal, sob a perspectiva das desigualdades de gênero que permeiam este contexto, suas percepções e sentimentos com relação à suas trajetórias e aos obstáculos que enfrentaram devido ao machismo no meio acadêmico.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, uma vez que se encarrega de “valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos” (PAULILO, 1999, p. 135), na qual o campo pode ser entendido como complexo e subjetivo. Dessa forma, nosso objetivo ao utilizarmos esse tipo de investigação foi “penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido” (PAULILO, 1999, p. 136).

Ademais, empregamos a abordagem de entrevista semiestruturada com foco na história de vida, pois esta metodologia nos possibilita “captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas” (PAULILO, 1999, p. 140-141), permitindo também que os temas abordados ao longo das conversas pudessem ser estudados do ponto de vista das entrevistadas.

Maria Angela Silveira Paulilo (1999, 142-143) demonstra porque a abordagem da história de vida pode ser interessante para se compreender fenômenos histórico-sociais:

A história de vida pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos.

Compreendemos o preconceito de gênero como um fenômeno não somente social, mas também histórico e, assim, justificamos a utilização de história de vida como abordagem na presente pesquisa.

Iniciamos o estudo constituindo dados sobre as docentes atuantes nas áreas das Ciências Exatas de uma Universidade Federal por meio de seus Currículos Lattes e um documento do setor de Recursos Humanos da instituição, referente aos cargos que elas ocupavam em dezembro de 2018. Com base nisso, selecionamos 18 mulheres a serem entrevistadas, componentes das áreas de Estatística, Expressão Gráfica, Informática, Física, Matemática e Química, de modo a contemplar todos os cargos, ou seja, as entrevistadas possuem cargos de professora assistente, adjunta, associada ou titular. Os nomes apresentados são fictícios para o sigilo de suas identidades.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com gravação de áudio ao longo do primeiro semestre de 2019. Posteriormente, os relatos foram analisados sob a perspectiva de se compreender os fenômenos históricos e sociais presentes nas falas e como isso se relaciona à questão de gênero no contexto científico, bem como as sensações e percepções das docentes acerca de suas próprias trajetórias enquanto mulheres cientistas.

O perfil das entrevistadas era diverso, sendo profissionais em diferentes momentos da carreira, atuantes na Graduação e na Pós-Graduação e algumas também em cargos de gestão administrativa na Universidade. Além disso, são pessoas de diferentes faixas etárias, variando de 30 a 75 anos, e com vivências familiares diversas. A princípio foram feitos questionamentos sobre a trajetória das docentes em linhas gerais e, aos poucos, a temática de gênero foi sendo enfocada, até que pudessem ser feitas perguntas mais diretas sobre essa questão. Com isso, elas relataram experiências que envolvem o período de suas formações iniciais, a Pós-Graduação, os projetos que desenvolvem na instituição, as famílias, as experiências de mudança de cidade, as dificuldades, os preconceitos, as percepções enquanto mulheres professoras/pesquisadoras, entre outras questões.

Nesse sentido, a pesquisa de Silva e Ribeiro (2014, p. 453) vai ao encontro a nossa:

Ao longo das entrevistas, as cientistas reconstituíram: as vivências na graduação e na pós-graduação, as situações de preconceito e discriminação, os desafios e as dificuldades da profissão, a competitividade na pesquisa, as exigências da publicação, a experiência da maternidade, a conciliação das identidades de mãe e cientista... Assim, analisamos, nas narrativas das participantes, as experiências por elas escolhidas para dar sentido aos percursos vividos.

Dessa forma, os objetivos das entrevistas realizadas se desdobram em dois eixos. Em um primeiro momento, buscamos conhecer as trajetórias acadêmicas e profissionais das docentes, quais motivações tiveram na escolha da profissão, as dificuldades enfrentadas, os preconceitos vivenciados, as conquistas, as relações entre vida profissional e vida familiar e a compreensão das entrevistadas sobre a representatividade feminina nas Ciências Exatas. Em seguida compreender os bastidores das entrevistas, como as mulheres se sentem com relação às questões abordadas e como se percebem enquanto mulheres cientistas. Por fim, é importante ressaltarmos que, assim como Silva e Ribeiro (2014, p. 453),

Com o objetivo de analisar as trajetórias acadêmicas e profissionais, lembramos que a trajetória de cada cientista é uma construção singular, específica, individual, portanto, não pretendemos simplesmente comparar experiências nem tampouco tecer generalizações. Entretanto, convém sublinhar que, embora a história de vida de cada uma delas se constitua como uma história individual, ela também é coletiva, pois se trata de uma história vivida coletivamente, localizada num determinado contexto cultural, histórico e social. Nesse sentido, buscamos encontrar pontos de encontro nas trajetórias de vida das entrevistadas, ou seja, as continuidades que revelam experiências semelhantes, ainda que vividas de formas distintas por cada uma das cientistas. Assim, olhamos para as continuidades discursivas, mas também para as discontinuidades, para os discursos que não são recorrentes.

Isso posto, é conveniente estabelecermos algumas categorias de análise, de acordo com os relatos obtidos. São elas: motivações para a escolha pela carreira científica; conflitos enquanto mulheres professoras/pesquisadoras e; percepções sobre gênero no contexto científico.

### **MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA PELA CARREIRA CIENTÍFICA**

No decorrer das entrevistas, questionamos sobre as trajetórias profissionais das docentes observando quais questões elas gostariam de trazer em seus relatos. Perguntamos sobre as motivações que as fizeram escolher a área em que atuam, como forma de compreender o que as incentivou a decidir por tais caminhos, uma vez que são espaços socialmente não pertencentes às mulheres. Obtivemos muitas vezes respostas que incluíam, em especial, a facilidade de aprendizagem das docentes com relação às Exatas, como na fala:

*“O meu pai é engenheiro, ele é engenheiro civil, então acho que ele sempre gostou, né, dessa parte mais de Exatas assim, e eu acho que sempre foi a parte que eu tive mais facilidade também, talvez por conta disso mesmo, né?” (Susana<sup>2</sup>).*

Para além disso, também questionamos sobre pessoas que as inspiraram a seguir o caminho científico e, então, as entrevistadas comentaram principalmente sobre incentivos recebidos, seja dentro de casa ou na escola. Sabemos que os incentivos apresentados aos indivíduos na infância variam de acordo com o gênero, como apontado por Saffioti (2004b), e a sociedade delimita os campos de atuação também de acordo com o gênero. Para as mulheres são atribuídas tarefas que remetem ao cuidado, ao zelo e a maternidade, a esfera privada, enquanto para

os homens são atribuídas profissões desafiadoras, que se utilizam da racionalidade, lógica e neutralidade, a esfera pública. Logo, podemos atribuir a baixa representatividade feminina nas Ciências Exatas, em parte, pela falta de incentivo na infância, que reflete diretamente na escolha da profissão. Quando indagada sobre apoio para cursar Expressão Gráfica, Elena comentou:

*“Não, até o contrário na minha casa ninguém queria que eu fizesse engenharia... Na minha família são todos da área de saúde, então foi um pouco mais difícil né, dentro de casa até mesmo quando eu fui para Santa Catarina no mestrado meus pais queriam que eu voltasse, não queriam que eu fizesse.” (Elena).*

Além disso, outras duas colocações foram recorrentes se tratando de motivações. A primeira questão pode ser posta como contrapartida ao que foi demonstrado anteriormente, pois trata dos incentivos positivos recebidos de familiares. Podemos observar nas falas de algumas entrevistadas a importância da família:

*“Eu sempre gostei de Matemática, e eu tenho as lembranças assim que meu pai trabalhava numa empresa de construção civil e ele era responsável pelos orçamentos das obras, em uma época que não tinham planilhas eletrônicas, então o dia que ele levava as vezes trabalho pra casa e ficava ‘ah Eulália, me ajuda’, [...] eu ficava super orgulhosa que meu pai me pedia ajuda [...]” (Eulália).*

*“A minha mãe pra mim é um modelo em todos os sentidos, [...] a minha mãe se divorciou eu era ainda criança, e ela nos criou as quatro irmãs com o trabalho dela [...] Então pra mim, como menina, eu tenho certeza que pras minhas irmãs também, ser uma mulher que trabalha, que cuida dos filhos e que cuida do seu trabalho é algo absolutamente natural pra nós.” (Bertha).*

Notamos que os incentivos recebidos por parte dos familiares mais próximos foram tidos como motivações e inspirações pelas docentes para que compreendessem desde cedo que as áreas das Exatas eram espaços possíveis de serem ocupados por elas e, então, optassem por estas carreiras. Outras questões como as facilidades e o interesse que já possuíam pelas áreas também foram citadas, mas a interferência de mães e pais apareceu com destaque e de forma recorrente entre as entrevistadas. Dessa maneira, é possível entendermos como os incentivos, ou a falta deles, pode ser determinante nas escolhas das carreiras, em especial por parte das mulheres, que já tem seus campos de atuação delimitados culturalmente desde jovens. No caso das falas das docentes, é visto que a família realizou um papel de ampliadora de horizontes, incentivadora e facilitadora, possibilitando que as professoras optassem por carreiras “masculinas”.

A segunda questão assídua durante as entrevistas diz respeito às motivações relacionadas às(aos) professoras(es) que passaram por suas vidas, principalmente durante a Educação Básica. Isso pode ser visto no relato:

*“No Ensino [Médio], então, eu tive uma professora [...] que abriu os horizontes, [...] que também incentivou muito a gente ali pra que a gente prestasse vestibular, pra que a gente saísse*

*dali de [menção à cidade] e fosse fazer uma faculdade, que a gente tinha condições de fazer uma faculdade pública, né? [...]" (Graziela).*

Notamos que as motivações causadas por professoras(es) ao longo da Educação Básica das entrevistadas algumas vezes não eram por parte de docentes das áreas em que as mesmas seguiram e, com base nisso, podemos compreender a importância novamente da ampliação de horizontes para além de simplesmente despertar o interesse pelos conteúdos. Os incentivos realizados pelas(os) professoras(es) foram determinantes para estas mulheres, não somente por realizarem aulas interessantes e estimulantes, mas também pelas conversas e apoios. Em todos os relatos que a figura da(o) professora surgiu como fonte de inspiração, as entrevistadas lembraram os momentos com certa nostalgia e zelo pelas memórias, comentando sobre estas pessoas com carinho e eventualmente afirmando que mantém contato e amizade até hoje. A partir disso, talvez seja interessante pensarmos qual a forma que este incentivo era feito e como isso também merece reflexão, pois entendemos que as lembranças nostálgicas destes sujeitos pelas entrevistadas refletem relações amigáveis no passado, mostrando que possa ter existido uma amizade que foi importante para a escolha de suas carreiras.

### CONFLITOS ENQUANTO MULHERES PROFESSORAS/PESQUISADORAS

A Ciência é um construto de homens e para homens e, ao adentrarem nesse meio, as mulheres encontram um **modelo masculino de carreira** (VELHO, 2006), o qual se apresenta extremamente perverso a elas, pois como a trajetória científica exige muito tempo e dedicação, para se ter uma carreira bem-sucedida é necessário se manter ativa(o) em diversas atividades, fazer pesquisas e publicações. Desse modo, ao optarem pela Ciência, as mulheres entram em um conflito entre o lar e a academia, como destacado por Velho (2006, p. xv):

Uma vez feita a opção pela carreira científica, a mulher se depara com o conflito da maternidade, da atenção e obrigação com a família vis-a-vis as exigências da vida acadêmica. Algumas sucumbem e optam pela família, outras, pela academia, e um número decide combinar as duas. Sobre essas últimas, não é necessário dizer quanto têm que se desdobrar para dar conta não apenas das tarefas múltiplas, mas também para conviver com a consciência duplamente culpada: por não se dedicar mais aos filhos e por não ser tão produtiva quanto se esperaria (ou gostaria).

Concordamos com essa cita, pois, as entrevistadas em sua maioria optaram tanto pela família quanto pela carreira e, em diversos relatos, a questão da culpa surgiu com destaque, como no exemplo:

*"[...] uma mãe tem um filho, parece que a gente tá sempre culpada de alguma coisa." (Veridiana).*

Considerando a divisão sexual do trabalho (SILVA; GITAHY, 2006), ao feminino são designados os afazeres domésticos e cuidados com os filhos, tornando a mulher a principal responsável pela família. Percebemos nos relatos que, na busca por suas carreiras, elas não se tornam isentas do papel social de cuidadora do lar,

trazendo assim um acúmulo de funções para as docentes. Em sua maioria, as entrevistadas tinham como natural este acúmulo, mesmo ao comentarem sobre as enormes dificuldades que passavam muitas vezes associadas às grandes demandas de trabalho, remunerado e não remunerado. Dessa forma, compreendemos que as docentes veem de maneira naturalizada os sacrifícios aos quais se deparam e, eventualmente, se orgulham de serem capazes de lidar com eles. As entrevistadas, por via de regra, não pareciam se questionar sobre suas jornadas múltiplas de trabalho e, geralmente, aparentavam reconhecer as dificuldades enquanto associadas ao gênero feminino, mas não em uma perspectiva reflexiva, percebendo o preconceito. Colocações do tipo “coisa de mulher”, “mãe é mãe” e outras foram recorrentes de forma naturalizada, sem problematizações na maioria das entrevistas.

Ressaltamos também a figura do companheiro, que surgiu diversas vezes, afinal, a maioria das entrevistadas é casada e tem filhas(os). Então, relatos sobre os momentos em que se casaram e a vivência da maternidade surgiram, muitas vezes, sem que fizéssemos menção a estes temas. A maior parte das docentes iniciou a constituição de suas famílias durante a Pós-Graduação e, sendo assim, trouxeram as dificuldades associadas a isso:

*“Essa professora minha [...] falou assim ‘meninas, façam mestrado, façam doutorado, depois vocês pensam em casar, porque depois o homem acha que você não pode fazer mais nada’. Ela tava em crise porque ela queria fazer doutorado e o marido dela não tava gostando da ideia, né? Então aí ela foi e falou pra gente ‘façam antes, depois vocês casam, porque depois vai ficando mais difícil’.” (Graziela).*

Ao mencionarem seus companheiros, grande parte das entrevistadas comentou sobre a importância do apoio deles para que conseguissem conciliar a vida familiar e a acadêmica, mas os relatos por vezes eram feitos juntamente com a compreensão de que nem todos os homens se comportam dessa forma. Na fala de Graziela, por exemplo, é evidente a demonstração das atitudes machistas de homens em relação às carreiras de suas esposas e, se tratando ou não de seus próprios companheiros, as docentes aparentavam reconhecer que os homens, em geral, não participam da vida doméstica e cuidado com as(os) filhas(os).

Ainda na discussão sobre família, não poderíamos deixar de citar a maternidade, visto que a maioria das entrevistadas é mãe. Suas(seus) filhas(os) estão em diferentes faixas etárias, o que implica em vivências da maternidade em épocas variadas. Todavia, em todos os relatos, a maternidade foi citada como algo muito difícil, tanto devido aos cuidados com as(os) filhas(os) quanto no sentido da necessidade de conciliar com a vida acadêmica e, sendo assim, foram necessários sacrifícios. Mesmo sem o viés de arrependimento, o sofrimento surgiu em muitos relatos, por exemplo:

*“[...] quando eu fui relatar pra ela [orientadora de doutorado] que eu estava grávida, [...] ela disse assim ‘gravidez e vida acadêmica não combinam, Odete, ou você escolhe uma coisa ou escolhe outra’. Aí eu chorei uma noite inteira por causa daquilo, aí eu pensei ‘bom, eu não vou nem abortar o meu filho, nem abortar a minha tese, o meu doutorado’. [...] seria muito importante que a academia, que os seus orientadores, que a*

*sociedade respeitasse um pouco mais isso, né? Eu não me senti respeitada nessa época, né? Então isso foi ruim.” (Odete).*

*“Então, eu senti um impacto da maternidade muito grande na questão profissional, [...] então eu não consegui me organizar pra entrar, por exemplo, na Pós-Graduação, [...] o emocional suga muito da gente, a gente não consegue às vezes ter tranquilidade pra planejar, fazer as coisas como deveria. [...] nesse último ano que foi justamente depois que ele [filho] fez um aninho [...] que eu acho que eu consegui retomar assim a carreira, sabe? [...]” (Bella).*

*“[...] a minha filha nasceu, foi fruto da primeira leva de bolsas de licença-maternidade, quando eu fazia pós-doc. Até então quando você é pós-doc, você é aluna de mestrado, de doutorado, e tem filho, você tem que continuar fazendo mestrado, doutorado, porque o tempo tá correndo, [...] independente se teve filho no meio do caminho ou não. [...] quando você tem filho, você tem as suas quedas, você tem que ter quatro, sei lá, seis artigos nos últimos quatro anos, mas eu não contei que nesse tempo meu segundo filho nasceu. [...] não tem estímulo para você voltar [depois da maternidade], você pode voltar, estímulo não tem nenhum [...]” (Marília).*

Algumas dificuldades foram comentadas mais de uma vez, como a questão da queda da produtividade, o que trouxe um pesar nas falas das docentes, em especial Bella, que sonhava em se tornar atuante na Pós-Graduação de Química e ainda não havia conseguido, em partes, por causa da diminuição de sua produção ao longo de duas gestações próximas. Todas as docentes que enfocaram a maternidade revisitaram suas memórias com uma aparente sensação de cansaço e trouxeram sempre com grande destaque as dificuldades. Algumas fizeram relatos mais detalhados, como Marília e Bella, que contaram sobre os problemas de saúde de seus filhos pequenos e a falta de sensibilidade por parte dos colegas de trabalho ao lhes designarem encargos didáticos em turnos em que faria falta a convivência com os bebês.

Nenhuma das entrevistadas demonstrou arrependimento quanto à escolha de ser mãe, mas somente Marília, Bella, Veridiana e Odete deixaram explícito que desejavam muito ter filhas(os) e, devido a isso, decidiram enfrentar todos os sacrifícios que já tinham conhecimento que viriam. Dentre eles, podemos ressaltar a questão das desmotivações e preconceitos com mães na academia, como Odete enfoca em seu relato, por ter se sentido desrespeitada, enquanto gestante, muitas vezes por parte de sua orientadora. A falta de debates, compreensão e apoio por parte da academia é colocada por Marília ao afirmar que, na área da Física, não há incentivos para que as mulheres voltem à suas atividades acadêmicas após a maternidade, que a temática não ganha visibilidade e que são poucas as iniciativas que dão suporte às mães cientistas. Mas, ao final de sua fala, Marília conclui o motivo da marginalização das mães cientistas na Física: não ocorrem mudanças pela falta da demanda, uma vez que na Universidade estudada, as mulheres representam cerca de 10% da área da Física. Nesse sentido, talvez possamos observar um ciclo vicioso, onde as mulheres não escolhem ir para a Física por ser um espaço que não atende às suas necessidades específicas e, em contrapartida, a Física permanece sem iniciativas que favoreçam as mulheres por não haver quem que traga demandas.

Dentre as entrevistadas, apenas Susana afirmou não querer ter filhas(os), mas isso não a isentou de preconceitos:

*“[...] é uma decisão que já tá tomada há muito tempo, e a gente tem essa certeza de que o melhor pra gente, pra vida que hoje em dia a gente tem é não ter filhos mesmo, [...] aí tem gente que fala assim pra mim ‘mas como é que tu não vai ter filhos? Quem é que vai cuidar de ti quando tu for velha?’, mas gente, então eu não preciso de um filho, eu preciso de um enfermeiro [...]” (Susana).*

Algo interessante no recorte é a afirmação que para a vida que ela e o companheiro levam, o melhor é não ter filhos. Lima (2013) e Velho (2006) abordam a necessidade que as mulheres se deparam diversas vezes em ter de escolher pela carreira ou pela maternidade, haja visto que a decisão por ambas vem acompanhada de desgastes físico e emocional. No caso de Susana, ao afirmar que não faz sentido em sua vida ter filhos e que tem essa consciência há muito tempo, é possível que em algum momento de sua trajetória ela decidiu por não ter filhos de forma relacionada à carreira científica, ou seja, escolheu a academia no lugar da maternidade. Além disso, da mesma forma que as mães docentes, Susana não está isenta de preconceitos de gênero, mas dessa vez justamente por não querer ter filhos e por não cumprir um papel que tradicionalmente se espera das mulheres, como ela mesma coloca. Enquanto as docentes que são mães sofrem com a falta de apoio e compreensão dentro da academia, Susana sofre com pressões para ser mãe também por parte dos colegas de profissão.

Outro obstáculo na trajetória das entrevistadas é o assédio. Dois recortes foram mais marcantes nesse sentido:

*“[...] ficou muito claro que tinha um homem lá [na banca do concurso] que não tava a fim que mulher entrasse, [...] porque todas as notas minhas os outros membros da banca me davam máximo, ele ia lá e abaixava uma pontuação tamanha que me deixou em segundo lugar, mesmo todos os outros membros da banca achando que eu tava em primeiro, ele reduziu o suficiente para eliminar a nota dos outros. [...]” (Marília).*

*“[...] eu senti um pouquinho machismo na pele principalmente quando eu tava fazendo meu estágio do curso técnico, [...] isso me irritava um pouco, sabe? Eu não tinha muita coragem de falar, eu ainda era muito nova, era boba assim, podia ter falado, né? Mas eu não tinha muita maturidade mesmo pra relatar [...] eu também sofri um pouco de assédio nesse estágio, sabe? Inclusive era um homem casado, e que ele já tinha tido problemas assim lá no laboratório, e aí ele ficava no meu pé e eu me sentia constrangida, porque na minha posição de estagiária, ele tinha um cargo acima, né?” (Bella).*

Aqui notamos duas situações em que o preconceito de gênero se dá explicitamente, mas não da mesma maneira. No caso de Marília, não houveram, por exemplo, ofensas direcionadas a ela ou afirmações machistas evidentes, mas sim um boicote que ela compreendeu ser devido à sua condição de mulher, o que é algo que reafirma o sexismo no meio científico ao tentar excluir uma mulher da comunidade acadêmica. Já na fala de Bella, vemos a questão do assédio propriamente dito, que de acordo com Lima (2013), é algo muito presente no

campo científico. Conquistas de mulheres são relacionadas aos seus atributos físicos e sexuais, brincadeiras de cunho preconceituoso, constrangimentos, entre outros, são problemas que muitas vezes afastam as mulheres da Ciência por receio destes ataques, ou faz com que reneguem sua feminilidade, tentando se parecer ao máximo com homens para driblar tais situações.

Nos dois relatos, as docentes iniciaram suas narrativas de forma cautelosa com a palavra “machismo”, aparentando escolher as palavras. Suas falas também vieram aparentemente acompanhadas de sensações de mágoa e indignação pelas situações que vivenciaram, onde Marília pareceu se arrepender de não ter recorrido contra o homem que a discriminou durante uma banca do concurso público e Bella deu a entender que gostaria de ter feito algo para se defender do colega que a assediava, mas na época não teve coragem por se tratar de um supervisor. Infelizmente, situações como estas não são isoladas, nas quais mulheres além de passarem por preconceitos, constrangimentos e violências, ainda se sentem acuadas a se defender.

### PERCEPÇÕES SOBRE GÊNERO NO CONTEXTO CIENTÍFICO

Ao indagarmos sobre os obstáculos em suas trajetórias, a maioria das entrevistadas elencou problemas que consideravam comuns a todas as pessoas na academia, sem distinção de gênero. Citavam as dificuldades de aprendizagem associadas às áreas, os problemas ao mudar de cidade, algumas inseguranças, entre outras, mas a maior parte não trouxe a temática de gênero a princípio. Em seguida, quando questionamos se houve obstáculos especificamente relacionados ao gênero, grande parte das docentes afirmou que nunca teriam sido discriminadas no meio científico por serem mulheres, sendo que a maioria relatou situações de preconceito na sequência. Além disso, o principal obstáculo associado pelas professoras ao “ser mulher” foi a maternidade e, como exceção, tivemos as falas de Marília e Bella sobre o machismo mais explícito que sofreram. De todas as entrevistadas, somente Marília trouxe a temática de gênero para a conversa espontaneamente. Dessa forma, percebemos que as docentes reconhecem as dificuldades presentes em suas trajetórias, mas não fazem associações ao problema de gênero, então, por diversas vezes, situações de machismos foram relatadas sem que se dessem conta deste caráter.

Boa parte das entrevistadas afirmou não existir preconceito de gênero no contexto científico, como na fala:

*“[...] Então não é diferente no meu entender por ser mulher, é uma questão de você estar preparado pra um cargo, [...] mas não tem diferença entre homem e mulher, no meu entender, porque pra mim nunca teve, tá?” (Bertha).*

Mesmo as docentes que reconheceram a presença de preconceito na Ciência, em sua maioria afirmaram nunca ter acontecido consigo. Apesar da recorrente negação dos problemas de gênero, em alguns momentos as entrevistadas perceberam situações de machismo que as cercam, como nos exemplos:

*“[...] então eu não tenho dúvida de que a maneira com que a gente vê, com que a gente é formado, em termos de qual é o papel da mulher na sociedade impacta muitas decisões que a*

*gente toma, pessoais e profissionais, eu não tenho nenhuma dúvida com relação a isso.” (Bertha).*

*“Acho que tem um machismo por trás, acho que desde a parte infantil, [...] Cadê os brinquedos, os telescópios pras meninas, né? [...]” (Marília).*

Bertha, por exemplo, ao mesmo tempo que afirma nunca ter sofrido distinção de gênero, também relata acreditar que mulheres e homens recebem papéis diferentes na sociedade. Com exceção de Marília, que mostrou estar a par da problemática de gênero ao longo de toda a conversa, as demais oscilavam entre momentos que negavam e reconheciam as barreiras associadas ao “ser mulher”.

Para finalizar, questionamos sobre suas percepções quanto às mulheres de suas áreas, enfocando as alunas de Graduação. Neste sentido, indagamos por qual motivo elas seriam minoria nas Exatas, em que a maioria das entrevistadas permaneceu pensativa por um momento antes de responder e, em seguida, trouxeram hipóteses como a falta de incentivos para as meninas escolherem tais áreas e a falta de referenciais femininos nas Ciências. Por via de regra, as docentes responderam a esta questão de forma hesitante, muitas vezes afirmando não saberem dizer a respeito. Também perguntamos se suas presenças como docentes, pesquisadoras, chefes e coordenadoras nas Exatas em uma Universidade Pública Federal influenciava de alguma forma a vida das alunas, onde todas afirmaram acreditar ou esperar que façam diferença na vida das estudantes, como uma forma de incentivo e inspiração de mulher, lembrando em alguns casos as mulheres inspiradoras que passaram por suas vidas. E então, questionamos sobre o que seria necessário para que mais meninas optassem pelas Exatas, em que as docentes abordaram questões como incentivo, a necessidade de empoderar e dar visibilidade às que já estão nestes espaços e a importância de debates sobre gênero no campo científico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de suas individualidades, as docentes como um todo estão inseridas em um ambiente machista, implicando em barreiras ao longo de suas trajetórias devido ao preconceito de gênero existente. Silva e Ribeiro (2014) apontam que no campo científico é mais comum um machismo velado e naturalizado, o que percebemos no decorrer das entrevistas, uma vez que as docentes de maneira recorrente relataram situações de preconceito de gênero sem se darem conta. A naturalização do machismo legitima atitudes cotidianas que inferiorizam o feminino e, no ambiente acadêmico, a invisibilização de mulheres cientistas, a indiferença em relação às pautas femininas e os questionamentos quanto às suas capacidades cognitivas são exemplos de vivências comuns à boa parte das mulheres que escolhem tais trajetórias.

Outro ponto interessante diz respeito às nuances das entrevistas no sentido do reconhecimento ou não do preconceito de gênero. Por diversas vezes, as entrevistadas se contradisseram, afirmando e em seguida negando – ou vice-versa – a presença de atitudes sexistas no ambiente de trabalho. Isso pode demonstrar que há um desconforto por parte das docentes causado pelo machismo, ao mesmo tempo que elas se negam ou têm dificuldades em realizar reflexões sobre a temática.

A presente pesquisa conversa com os estudos de Lima (2013) e Silva e Ribeiro (2014), ao passo que também realizaram discussões sobre relatos de pesquisadoras de áreas tidas como masculinas. Assim como para as autoras, nos foram evidenciadas muitas dificuldades, como a questão da mudança de cidade, as adaptações ao novo ambiente, as dificuldades associadas aos conteúdos das Ciências, as problemáticas da maternidade, os assédios, as inseguranças, entre diversas outras. Mas, em sua maioria, os obstáculos comentados estavam diretamente associados ao machismo, mesmo sem que as docentes se apercebessem disto.

Notamos que o preconceito de gênero é uma temática que não faz parte das discussões presentes na vida das entrevistadas, principalmente ao demonstrarem bastante cautela em se tratando do tema, afirmando por diversas vezes não dominarem o assunto ou não saberem responder, além de aparentarem relutar em usar as palavras “machismo”, “feminismo” ou outras no mesmo sentido. Contudo, acreditamos que as conversas foram momentos de reflexão sobre a temática de gênero para elas, pois, eventualmente, afirmaram nunca ter parado para pensar suas vivências nesta perspectiva. Apesar do pouco reconhecimento do machismo presente na academia, as entrevistadas compreendiam quase sempre a importância de suas presenças nestes espaços e se viam como referenciais às meninas nas Exatas. Além disso, também apontaram algumas atitudes que seriam necessárias para o empoderamento de mulheres nas Ciências Exatas, como a promoção da questão da maternidade, o aumento da visibilidade das mulheres cientistas e a necessidade de incentivos igualitários entre meninas e meninos. Neste sentido estamos de acordo com as docentes e acreditamos que discussões como esta também são importantes para subsidiar ações futuras e urgentes que promovam uma Ciência livre de preconceitos.

## Women-Voices: paths of teachers-mothers-scientists

### ABSTRACT

This research approaches the theme of gender within the context of the Exact Sciences, in which women are a minority. After an analysis of the Lattes resúmenes and job positions held by female professors of a Federal University, 18 members of the faculty were selected and interviewed about their professional careers. From their testimonies, we were able to create discussions about evident gender prejudice, whether explicit or not, in such a way to understand how this form of prejudice is present in the interviewees' lives, as well as their perceptions and feelings of being female scientists. We've concluded that, in their vast majority, these professors aren't fully aware of the sexism that surrounds them, as, throughout the interviews, we perceived nuances in their behaviors when recognizing or denying sexism in their work environment. Lastly, we believe that such discussions are of key importance in rethinking Science, aiming to make scientific culture free of any sort of prejudice.

**KEYWORDS:** Gender prejudice. Exact Sciences. Path. Women teachers. Feminism.

## Voces-Mujeres: trayectorias de profesoras-madres-científicas

### RESUMEN

Esta investigación aborda el tema de género en el contexto de Ciencias Exactas, donde las mujeres representan una minoría. Después de analizar el Currículo Lattes y las posiciones de las docentes de una Universidad Federal, seleccionamos y entrevistamos a 18 Profesoras sobre sus trayectorias. Con base en los relatos, creamos discusiones sobre el sesgo de género, ya sea explícito o no, para comprender cómo impregna las experiencias de las entrevistadas y sus percepciones como mujeres científicas. Llegamos a la conclusión de que la mayoría de las Profesoras no se dieron cuenta del machismo que las rodeaba y varias veces informaron situaciones de prejuicio sin darse cuenta. En la mayoría de las conversaciones, vemos matices entre los momentos en que las entrevistadas reconocieron o negaron el machismo en el lugar de trabajo. Finalmente, creemos que discusiones como esta son importantes para repensar hacer cCiencia, con miras a hacer que la cultura científica esté libre de prejuicios.

**PALABRAS CLAVE:** Sesgo de género. Ciencias Exactas. Trayectoria. Profesoras mujeres. Feminismo.

## NOTAS

<sup>1</sup> Referência ao poema “Vozes-Mulheres”, da autora brasileira Conceição Evaristo, publicado no livro “Poemas da recordação e outros movimentos” em 2008, p. 10-11.

<sup>2</sup> Os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos de modo a homenagear algumas pesquisadoras brasileiras. Por exemplo, o codinome “Bertha” se trata de uma homenagem à Bertha Lutz.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000300007>. Acesso em: 14 out. 2019.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 135-148, 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004a.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O Poder do Macho**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004b.

SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132014000200449&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132014000200449&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 14 out. 2019.

SILVA, Nanci Stanckj; GITAHY, Leda Maria Caira. Gênero e divisão sexual do trabalho no Brasil. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, n. 8, ano 02, p. 25-47, 2006. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6155>. Acesso em: 14 out. 2019.

VELHO, L. Prefácio. *IN*: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (orgs.). **Ciência, Tecnologia e Gênero**: desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR, 2006, p. xiii-xviii.

**Recebido:** 31/10/2019.

**Aprovado:** 22/04/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v13n42.11030.

**Como citar:** FERREIRA, Gabriela; SOUZA, Alicia Aparecida de; SILVEIRA, Camila. Vozes-Mulheres: trajetórias de professoras-mães-cientistas. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 13, n. 42, p. 185-201, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Gabriela Ferreira

Avenida Cel. Francisco H. dos Santos, número 100, Jardim das Américas, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

